

REMATE DE MALES

Campinas-SP, v.39, n.2, pp. 799-829, jul./dez. 2019

**“DESENREDO”, DE JOÃO GUIMARÃES ROSA:
PROSOEMA, METAPOESIA, NECROLÓGIO PRÉVIO
OU “AUTOBIOGRAFIA IRRACIONAL”?****“DESENREDO”, BY JOÃO GUIMARÃES ROSA:
PROSOETRY, METAPOETRY, PRIOR OBITUARY
OR “IRRATIONAL AUTOBIOGRAPHY”?**

Marcelo Marinho¹
David Lopes da Silva²

Resumo: Em março de 1956, João Guimarães Rosa, antes mesmo de lançar *Grande sertão: veredas* (sua “autobiografia irracional”), anuncia em jornal o projeto de ocupar uma cadeira na Academia Brasileira de Letras (ABL), apesar de sua condição de escritor praticamente inédito, por então. Foi a primeira entre três tentativas, todas marcadas por intenso desgaste emocional: somente sete anos mais tarde, em 1963, Rosa será finalmente eleito, *quase* à unanimidade. Paradoxalmente, passa a inexplicavelmente adiar a cerimônia de posse e vem a falecer exatamente três dias depois do evento postergado por quatro longos anos. Nos jornais do dia seguinte, chega-se até mesmo a anunciar que ele teria previsto a própria morte. Com base nesse enredo biopoético, buscamos “desentramar”, ao longo deste artigo, os indícios de uma narrativa metapoética em cujas linhas Rosa poderia ter eventualmente ficcionalizado sua relação com a poesia, com a planejada eleição, com a posse fatal e com a rivalidade própria aos membros da ABL, tal como se entevê em “Desenredo”, de *Tutameia – Terceiras estórias* (1967). O presente ensaio percorre esse célebre prosoema em busca de elementos de reflexão sobre a seguinte questão genealógica: Quais são os limites entre ficção e biografia, entre narrativa poética e prosoema, entre estória e história, entre interpretação crítica e transcrição poética, entre imortalidade e pervivência, no

1 Programa de Pós-Graduação em Literatura Comparada, Universidade Federal da Integração Latino-Americana (Unila, PR): <biografia@gmail.com>.

2 Curso de Letras, Universidade Federal de Alagoas (UFAL, Campus de Arapiraca): <ls.david.ls@gmail.com>.

caso de um autor que leva ao paroxismo derradeiro a noção de “autobiografia irracional”? Em outras palavras: Em sua genealogia, caberia ler “Desenredo” como um irreverente texto metapoético?

Palavras-chave: Desenredo; João Guimarães Rosa; “autobiografia irracional”.

Abstract: In March 1956, even before launching *Grande sertão: veredas* (his “irrational autobiography”), João Guimarães Rosa announces through a newspaper his project of taking a seat at the Brazilian Literature Academy, despite the fact he was almost an unpublished author, by that time. It was his first attempt, out of three, all of them punctuated by a deeply emotional distress: no less than seven years later, in 1963, he will get elected, *almost* by unanimity. Astoundingly, he starts postponing inexplicably the induction ceremony, and perishes precisely three days after the event he had adjourned for four years long. Some newspapers announced that he would have foreseen his own death. Focused on that bio-poetical plot, this paper quests to unravel the main clues of a meta-poetical allegory whose lines could possibly hide Rosa’s commitment to his own poetry, to his plans to get elected, to the deadly induction ceremony, and his critical view upon the wide spread rivalry among Academy members, as it can be seen through “Desenredo”, from *Tutameia – Terceiras estórias* (1967). The present essay crisscrosses that famous “prosoem” in order to reach answers for the following genealogical questions: what are the limits between poetical narratives and prosoems, between story and history, critical interpretation and poetical transcreation, immortality and outlife (Fortleben), in the case of a author taking beyond the paroxysm the notion of “irrational autobiography”? In other words: according to its genealogy, could it be possible to read “Desenredo” as an irreverent metapoetic writing?

Keywords: Desenredo; João Guimarães Rosa; “Irrational Autobiography”.

“Epígrafe especular: ‘A estória não quer ser história. A estória, em rigor, deve ser contra a História, a estória, às vezes, quer-se um pouco parecida com a anedota’”.
(ROSA, 2017, p. 25).

1. CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

“E pôs-se a fábula em ata.” Com essa inscrição lapidar, encerra-se “Desenredo”, assentando a leitura do texto em pelo menos duas categorias discursivas – a poética e a historiográfica. Publicada originalmente na revista médica *Pulso*, em 19 de maio de 1965, e republicada na coletânea *Tutameia* no ano de 1967, essa curta prosa poética narra as venturas e desventuras afetivas de Jó Joaquim, “cirurgião plástico do passado” (GALVÃO, 1996, p. 127), cujo principal condão é o de alterar e adaptar fatos pretéritos a seus interesses futuros, por intermédio de palavras e de silêncios “genialmente” distribuídos nas entrelinhas de um discurso que fala sobre si próprio.

Na eventual condição de um dos prefácios da derradeira coletânea metapoética do escritor mineiro (SANTA-CRUZ, 1998, p. 245), o relato

constrói-se com apoio em inúmeras “metáforas náuticas” e “alusões oceânicas” (GALVÃO, 1996, p. 126), fato surpreendente para uma trama em que os personagens, em princípio, inscrevem-se numa paisagem interiorana, espriada sobre uma realidade sertaneja, árida, rural, campônia, pastoril, agreste ou aldeã... Pseudoescorregão do autor? Por outro lado, Walnice Galvão observa no texto “um jogo de revirar provérbios às avessas” (p. 127), entre os quais emergem os propriamente “náuticos”, ao lado de clichês deformados por dicção lúdica, lançando o texto no espaço entre a oratura e a *hiper* escrita: “Voando o mais em ímpeto de nau tangida a vela e vento”; “Todo abismo é navegável a barquinhos de papel”; “A bonança nada tem a ver com a tempestade”; “deu-se o desmastreio”; “no frágio da barca”; “com dengos e fofos de bandeira ao vento” (ROSA, 2017, pp. 63-65).

Nesse contexto, levaremos em consideração outra espantosa analogia náutica com que se qualifica nosso “genial” Jó Joaquim sertanejo: o heleno e bravo navegador Ulisses. Se uma precisa observação de Walnice Galvão (1996, p. 126) nos lembra que a expressão náutica “frágio da barca” remeteria tanto a “naufrágio” como a “fragilidade” e “ruptura”, buscaremos refletir sobre as articulações entre “metapoética”, “necrológio prévio”, “projeto biopoético”, “oratura” e “pervivência” que se observam em “Desenredo”.³ Tal será o ponto de partida para a travessia poética que por ora nos propomos a explorar.

Assim, passemos provisoriamente, como hipótese de trabalho, da “fábula” à “ata”, da ficção ao documento, da estória à história, da poesia ao relato biográfico: como se sabe, resiliente e preciso como o bravo navegante grego ou o nosso paciente Jó Joaquim, ao longo de sete longos anos (1956-1963), o resoluto Rosa aparou arestas, superou provas e amargou vilipêndios para lograr êxito em sua demanda pela imortalidade institucionalizada (“*ad immortalitatem*” é a legenda constante no insigne brasão da ABL). Porém: tão cedo eleito, tão logo refugada a honraria bravamente conquistada. Por quatro incontáveis anos, Rosa se recusou a tomar assento ao lado de seus congêneres e eventuais algozes literários. E sobretudo: tão cedo empossado, tão logo morto. Menos de 76 horas transcorrem entre a posse e o passamento-feitiço do poeta: “as pessoas não morrem, ficam encantadas”, terá ele a ocasião de lançar em seu último e fatal discurso.

3 Todas as citações de “Desenredo” serão retiradas da edição do ano de 2017 (pp. 63-65), razão pela qual indicaremos apenas “DSRD” nas transcrições do texto.

O presente ensaio busca iluminar certos aspectos obscuros desse instigante episódio da história da literatura brasileira (quicá da história da humanidade), com apoio na leitura genealógica dessa narrativa metapoética de apenas duas páginas e meia, publicada pouco antes do desenredo biopoético que abalou o Brasil. Para tanto, recorreremos às abrangentes ferramentas da hermenêutica, tal como as define Foucault (1966, p. 44): “Appelons herméneutique l’ensemble des connaissances et des techniques qui permettent de faire parler les signes et de découvrir leur sens”.⁴ No cruzamento entre relato de vida e obra ficcional, o texto necrológico poderia trazer alguma luz sobre o enigmático passamento do autor. Façamos inicialmente, pois, um pequeno excursão sobre as três candidaturas de Rosa para a ABL, com especial atenção para as práticas institucionalizadas dessa confraria de sábios e poetas – languidamente espraiada a poucos passos das águas da Baía da Guanabara.

2. ROSA E A ACADEMIA: INCONFIDÊNCIAS SOBRE UMA RELAÇÃO ADULTERINA

“Tomo a liberdade de vir solicitar de Vossa Excelência o honrosíssimo apoio de um voto que será um voto ao trabalho. Servo humílimo. Monteiro Lobato” (*apud* BORTOLOTI, 2018, [s.p.]). Esse é o espantoso teor ancilar com que, no mais cruel e abjeto vilipêndio, o célebre escritor paulista dirige-se a certo Filinto de Almeida, inexpressivo e anônimo acadêmico, em carta datada de 1926, para solicitar um dos 39 humilhantes votos que talvez resultassem em sucesso na eleição para uma das 40 vagas da Academia Brasileira de Letras, como se infere de Marcelo Bortoloti. Em situação de injúria por rebaixamento servil diante de eleitores de condição inferior, o desgaste emocional dos candidatos pode ter consequências desastrosas: em uma de suas três malogradas campanhas, o notável Mario Quintana sucumbiu ao estresse e foi internado em clínica psiquiátrica. Não é para menos: o alagoano Jorge de Lima sofreu da estafante desfeita em cinco amargas ocasiões...⁵ Viriato Correia teve mais sorte, pois foi eleito *in extremis*, na quinta candidatura, quase próximo à extrema-unção, tendo talvez proferido a seguinte sentença funérea, segundo Paulo Mendes

4 “Denominemos hermenêutica ao conjunto de conhecimentos e técnicas que nos permitem fazer os signos falarem e desvelarem seu sentido.” Todas as traduções de citações deste artigos são nossas.

5 Cf. Bortoloti (2018).

Campos (2013, [s.p.]): “Bati nestas portas quando meus cabelos eram pretos; abriram-mas quando já os tinha brancos”.

Muitos são os consagrados autores que se subtraíram ao vilipêndio do beija-mão, dos rapapés e dos elogios hipócritas, ou rejeitaram a possibilidade de compartilhar os quitutes do chá das cinco com certos cidadãos de notória e pública vileza poética – na melhor das hipóteses. Entre os indiferentes ou alérgicos, e sob os auspícios de Capistrano de Abreu e Graça Aranha, destacam-se: Carlos Drummond de Andrade, Graciliano Ramos, Mário de Andrade, Cavalcanti Proença, Gilberto Freyre, Erico Veríssimo, Vinícius de Moraes, Sérgio Buarque de Hollanda, Antonio Candido ou Chico Buarque de Hollanda.⁶ A vileza da campanha traz o perfume do ataúde, pois se inicia antes mesmo que se lacre o mausoléu ou o esquife, a última das naus: “O voto se pede na alça do caixão do defunto”, satiriza Mendes Campos (2013, [s.p.]). Cabe lembrar que a lista de alérgicos elaborada por Campos trazia inicialmente o nome de Mário Quintana, que podia se orgulhar do “histórico de nunca ter se batido por qualquer glória literária” (BORTOLOTI, 2018, [s.p.]). Contudo, instado por maus conselhos ou pelo próprio Tânatos, também esse poeta, já aos 74 anos de idade, foi picado pela mosca azul; todavia, em concorrência com uma eminência parda da ditadura militar, no ano de 1981, o revés era por demais previsível: “pressões, jogo político, telefonemas de alguns acadêmicos para que Mário Quintana retirasse sua candidatura, o assédio da imprensa, noites sem dormir, sem comer desestabilizaram emocionalmente o poeta” ([s.p.]).

Se a campanha é acirrada e humilhante, a eleição é imprevisível e marcada por lances secretos de traição, retratações, retaliações, reviravoltas, ultrajes: Paulo Mendes Campos (2013, [s.p.]) qualifica o espaço como “cenário de ópera-bufa” e “casa de convivência” – uma sutil e sarcástica alusão a “casa de tolerância” e “casa de conivência”? Tal pretensa bufonaria poderia ser ilustrada com este exemplo apresentado por Marcelo Bortoloti (2018, [s.p.]): “Em 1930, [Oswald de Andrade] foi detido pela polícia quando se dirigia ao Petit Trianon munido de um chicote, com o qual pretendia castigar o acadêmico Olegário Mariano por causa de uma intriga literária”. Cabe relembrar que Oswald foi posteriormente rejeitado pela congregação... Em outro ato de bufonaria, um conhecido poeta lançou um copo de refrigerante sobre um ministro, apimentando o

6 Cf. Campos (2013).

refrigério com acusações de convivência com a ditadura militar, conforme registra Claudio Leal (2011).

Pois bem, nessa paisagem poética, qual seria a possível razão para tanta disputa por uma vaga na ABL? Generosidade? Desprendimento? Renúncia? Convívio intelectual? Prestígio? Benesses? Pecúnia? Vaidade? Projeto de imortalidade? Mausoléu livre de encargos? Quitutes do chá das cinco? A mosca azul parece ter morada permanente nas elegantes alcovas do Petit Trianon, sede praiana da aristocracia poética (ou nem sempre) tupiniquim...

Começemos pelo vil metal: cada um dos quarenta Acadêmicos tem direito a vantagens e benesses que podem superar, mensalmente e em valores de 2019, a generosa soma de 30 mil reais, majoritariamente isentos de impostos, segundo informações de Rodrigo de Almeida (2010): verba de representação, gratificação por função diretora, *jeton* de presença, seguro saúde, veículo com motorista, reembolso de despesas de transporte e alimentação, prendas festivas, convites externos para atividades remuneradas e viagens de cunho cultural (no Brasil e no exterior), custeio de publicações posteriormente comercializadas, alavancamento de vendagem de livros... Por exemplo, Fabio Victor (2010) assim descreve o pagamento do *jeton*: “Antes das sessões, o imortal assina a lista de presença e, ato contínuo, recebe um pequeno envelope com a fêria. Cash”. É pouco? Depois de completar 80 anos, nem mesmo é preciso comparecer para ser contemplado com o conteúdo do envelope... Em 2010, pasmem, pagou-se *jeton* na missa comemorativa do centenário de Joaquim Nabuco! Claudio Leal (2011, [s.p.]) registra ainda que “os membros da diretoria contam com uma frota diária de táxis, enquanto os demais ‘mortais’ podem usá-los duas vezes por semana, ao longo de cinco horas”, fato ilustrado com o relato de um episódio no qual certo acadêmico foi censurado em sessão pública por apresentar a fatura de 8 mil reais para ressarcimento de suas sinuosas despesas com táxi pelas margens da Baía da Guanabara...

A esses significativos valores, acrescenta-se o mausoléu gratuitamente ocupado pelo feliz eleito, quando um jazigo perpétuo no Cemitério São João Batista, no Rio de Janeiro, supera a bagatela de meio milhão de reais, em preços de 2019! Note-se também o belo velório na sede do grêmio poético, com suas perfumadas guirlandas de flores naturais e delicadas bandejas de bons-bocados funéreos – serviços que estão pela

hora da morte, ora, direis!⁷ Pois bem, em vida, os eleitos ainda desfrutam de tutameias miúdas, como os agrados e mimos culinários que são os quitutes servidos nas sessões e reuniões diversas, além de celebrações de natureza gastronômica. Compreende-se que o tema do vil metal seja tratado como tabu entre os integrantes da congregação, segundo sublinha Maurício Meireles (2016), uma vez que a ABL é parcialmente financiada por meio de renúncia fiscal, ou seja, com recursos do erário público, em razão de Lei aprovada no Congresso Nacional, por iniciativa de... um dos membros da própria hermética confraria!⁸

Por seu lado, o candidato Guilherme Figueiredo (1964) relata as visitas e honrarias protocolares que prestou aos acadêmicos, tendo sido afinal preterido em vantagem de um médico sem obra publicada. Figueiredo fica fulo da vida porque os acadêmicos aconselham-no a desistir dessa vez, para que assim a vaga seguinte lhe fosse cordialmente obsequiada – naquela rodada, o lance de dados já estava previamente definido em seu desfavor. Ele bate o pé e diz que, se fosse em proveito de um Drummond, de algum escritor realmente maior que ele, ele poderia desistir, mas para um médico sem obra, nunca. Perde, evidentemente, e desiste de enfrentar novamente os vexatórios dados viciados.

Tempos modernos: em agosto de 2018, dadinhos previsíveis deram extenso pano pra manga, em mais um lance de “dês” adulterado – o naufrágio da escritora Conceição Evaristo no sufrágio eleitoral que determinaria a escolha do novo membro desse seleta clube a que se chama ABL abriu as revoltas águas dos abismos institucionais para um maremoto de protestos... vãos. Em resposta desdenhosa ao movimento nacional em

7 O feliz eleito pode ser acompanhado por seu cônjuge, informa Marcelo Bortoloti (2017, [s.p.]), em matéria sobre o esgotamento de vagas no sepulcro: “Os acadêmicos morrem a uma média de três por ano. Somente na presidência de Alberto da Costa e Silva, que durou dois anos, morreram sete. [...] Hoje, as mulheres ocupam uma parte considerável do mausoléu, às vezes com certos excessos. O poeta João Cabral, que casou duas vezes, levou as duas. A escritora Néilda Piñon, solteira, continua viva, mas já levou a mãe. Com o passar dos anos, os nichos também começaram a lotar. Atualmente, dos 90, restam apenas 17 vazios, o que pode levar o mausoléu à lotação máxima em cinco anos, numa perspectiva otimista”. Em mais que infame trocadilho com que pretende “homenagear” nosso recém-falecido romancista, certo acadêmico assim verte seu talento sobre as flores fúnebres ofertadas ao escritor mineiro no velório: “[...] o ‘breve companheiro’ recebia rosas tristes quando mal as rosas da alegria de sua posse murcharam” (SILVA, 2018, p. 180).

8 A Lei 13.353/2016 isenta a ABL do pagamento do PIS-Pasep e da Contribuição para o Financiamento da Seguridade Social (Cofins); de Imposto de Renda sobre aplicações financeiras e IOF; também cancela todos os seus débitos junto à Secretaria da Receita Federal.

favor de Evaristo, o então presidente da ABL concedeu entrevista ao *The Intercept*, veículo internacional de jornalismo independente, na qual elucida definitivamente a questão: “É um equívoco achar que a Academia tem que fazer isso ou aquilo. A ABL é uma instituição privada sem fins lucrativos. É um clube de amigos” (CAMPOS; BIANCHI, 2018, [s.p.]).

Nesse contexto, não haverá quem não se espante com a determinação e tenacidade com que o genial Guimarães Rosa empenhou-se em obter um assento permanente nesse antro dos tropos antipoéticos, ao longo de mais de sete anos doridos.

Em princípios de 1956, Rosa esboçou sua primeira candidatura, para a cadeira 34, na vaga aberta com a morte de Dom Aquino Correia, advinda em 22 de março. No curto prazo de cinco dias, Rosa anunciaria apressadamente sua candidatura em notícia publicada pelo jornal *Última Hora*, datado de 27 de março, mas logo inverteria a rota de navegação e postergaria seu meticuloso projeto náutico de ser acolhido amorosamente pela Academia. Em 28 de julho, o jornal *Correio da Manhã* anunciava o mesmo fato. Seria Alceu Amoroso Lima o padrinho de Rosa? Em 9 de agosto, Raimundo Magalhães Júnior, seu concorrente, recebeu os votos que lhe garantiram a posição de quinto ocupante da Cadeira 34. Também é interessante observar o prazo médio entre a morte de um acadêmico e a eleição do seguinte: no presente caso, 134 dias transcorreram para as costumeiras campanhas de corredores de ministérios, salas de visita, mezaninos de teatros, pérgolas de restaurantes, saguões de hotéis, conveses de navios, camarotes de trens, gabinetes de redação... Pois bem, essa candidatura extemporânea anuncia-se antes mesmo do lançamento de *Grande sertão: veredas*, compêndio metapoético qualificado por Rosa como sua “autobiografia irracional” (MARINHO, 2001a, p. 156), protocolo de leitura sobre o qual retornaremos adiante.

Em 1957, em segunda candidatura, concorre à cadeira 25, na vaga de José Lins do Rego (morto em 12 de setembro do mesmo ano). Apadrinhado por João Neves da Fontoura, o romancista iça o velame, levanta âncoras e larga as amarras rumo ao certame eleitoral. Outros 130 dias se passam entre a vacância da cadeira e a eleição, que ocorre em 23 de janeiro de 1958. Em plena campanha e acreditando singrar a sotavento, o marujo noviço não percebe a refrega: com a mudança dos ventos, é então preterido por acadêmicos como Álvaro Lins, fato que resultaria no estremecimento de algumas relações pessoais. Perde amargamente para Afonso Arinos de Melo Franco, por 27 votos a 10. Desse episódio, registrado

em extensa correspondência trocada com Josué Montello, decorre um surto de desarranjo intestinal que o candidato vencido vai tratar em sua Minas natal, tal como informalmente nos indica Gustavo de Castro Silva,⁹ inveterado rosiano que prepara uma exaustiva biografia sobre o romancista. Cabe acrescentar que, já em 1957, no calor da hora, Oswaldino Marques plasma o termo “prosoema” para qualificar a inovadora fatura poética que se observa no conjunto da obra do bardo mineiro, em razão da impossibilidade de classificar rigorosamente esses textos que se situam entre a prosa e o verso, entre a estória e a história, entre a fábula e a ata. Tal neologismo será proveitosamente retomado por Augusto de Campos (em *Panorama do Finnegans Wake*), autor do também pioneiro “Um lance de ‘dês’ no Grande sertão”, ensaio comparativo sobre o célebre poema que eventualmente também remeteria ao título do malarmeano prosoema aqui analisado (“Dês-enredo”), se ampliarmos a leitura proposta por Vera Novis (1989).

Finalmente, em 1963, já em terceira candidatura, Rosa concorre à vaga de João Neves da Fontoura, morto em 31 de março daquele ano. Cadeira 2, Patrono Álvares de Azevedo, Fundador Coelho Neto. O romancista então vence *quase* por unanimidade, em razão de dois votos em branco e de uma abstenção, em 6 de agosto de 1963, após mais de 130 dias de campanha acirrada. Note-se que a campanha eleitoral é sempre mais longa que esse curto prazo entre vacância e eleição: em 1961, o escritor já havia sido agraciado, pela própria ABL, com o Prêmio Machado de Assis, um forte indicativo de que a estreita fenda da seletiva urna estaria doravante aberta para acolher a tão planejada e almejada candidatura.¹⁰ Em 1963, um único outro candidato – o potiguar José Bezerra Gomes –, provavelmente desconhecendo a praxe do certame, vem provocar uma imperceptível marola na superfície calma e lisa das águas em que já navega, vitorioso e impávido, o paciente e resiliente Ulisses mineiro, tendo as arenosas praias

9 Cf. G. Silva (2018).

10 Em seu *Diário completo*, Josué Montello (1998) descreve detalhadamente o processo em que articulou a indicação de Rosa ao prêmio, já em 1960, recolhendo a assinatura de 20 acadêmicos, ao arpejo da comissão de três membros a quem competia definir, em regime autocrático, o nome do laureado. A indicação organizada por Montello foi rejeitada pela comissão, a qual, atropelada, ameaçou renunciar à sua função, mas terminou por assegurar que Rosa receberia o prêmio no ano seguinte. Também parece indício de um rigoroso projeto biopoético o fato de que Rosa, ao ser nomeado Embaixador em 1958, tenha declinado do convite pessoal de Juscelino Kubitschek para que assumisse a Embaixada que melhor lhe aprouvesse, opção que o afastaria do imprescindível convívio com os acadêmicos.

de sua almejada Ítaca à vista no horizonte, em alvo gracioso e acolhedor para as flechadas do preciso arqueiro. Eleito, em gesto mais que simbólico, convida Afonso Arinos de Mello Franco, que o havia derrotado, para recebê-lo – o convite, entretanto, é feito um mês e meio antes da eleição, fato que poderia atestar sua plena confiança de que chegara sua hora e sua vez (BARBOSA, 2007, p. 298). Após o vitorioso sufrágio, adia a posse por quatro anos; morre 76 horas depois da celebração, ao anoitecer do domingo, dia 19 de agosto de 1967, na Hora do Ângelus.

Sobre a vilania dos dois votos em branco, voluntariamente sonogados ao inigualável Rosa (em concomitância com uma abstenção por ausência na sessão do sufrágio), Guilherme Figueiredo (1964, p. 62) debita suas pitadas de sarcasmo:

Não sei como pode um sujeito fazer a barba, tomar banho, vestir-se, enfrentar os perigos do tráfego carioca, chegar ileso à Academia para votar numa eleição em que o candidato único é Guimarães Rosa, o ficcionista de maior projeção internacional depois de Jorge Amado, deitar na urna um voto em branco e voltar para casa com a consciência fagueira, como se tivesse cumprido um dever para com a Literatura Nacional e o Mundo.

Observa-se, na bibliografia sobre Rosa, um constante estranhamento a respeito do adiamento por quatro anos da planejada posse na Academia, desde a eleição em que saiu finalmente vitorioso, nos idos de 1963. Nada se disse, entretantes, sobre os negativos efeitos financeiros dessa despropositada demora, no que se refere aos estipêndios destinados pela instituição aos Imortais. A conta é simples: o adiamento da posse por quatro anos poderia ter resultado num “lucro cessante” de algumas centenas de milhares de reais, em valores atuais...

Desenredo: teria Jó Joaquim o condão de explicar tal despropósito? Caberia aqui lançar o olhar sobre uma sabedoria que seria mesmo a de fingir-se de louco, tal qual Ulisses? Seria despropósito e loucura balançar o vil metal da Academia a bombordo e a estibordo? Voltaremos abaixo sobre essa questão fulcral... Contudo, tenhamos em mente o fato de que o jornal *O Globo*, em 4 de junho de 1965, anuncia a possibilidade de que Rosa receba o Nobel de literatura, em eco a notícia publicada pela imprensa italiana. Retornaremos a esse fato mais adiante, pois nos parece essencial para a compreensão do desenredo da “autobiografia irracional”.

Como se vê, também Guimarães Rosa, tal qual um Ulisses singrando por sobre oceanos abissais, enfrentou sereias, ciclopes e quimeras com a meta de alcançar o direito de aportar na Ítaca que lhe pertenceria mais do

que a qualquer outro escritor brasileiro, se mérito literário fosse critério definitivo para o frágio de cédulas eletivas na urna extremamente seletiva e estreita da ABL. Ao longo dos sete anos (1956-1963), em que pleiteou arduamente uma vaga na carioquíssima e morena ABL, Rosa, em sua condição de diplomata nativo de Minas Gerais, poderia ter eventualmente atravessado o mesmo estresse que o heroico Ulisses, em seus dez anos de deambulação e tormentas por terras estrangeiras. Pois bem, eis aí mais um genial vaticínio: tal estado de estresse psicológico foi recentemente batizado precisamente como... “Síndrome de Ulisses”.

O leitor do presente ensaio deve estar se perguntando: onde está a condição metapoética do prosoema “Desenredo”? Vejamos, portanto, se da leitura dessas duas páginas poéticas poderíamos tirar alguma inferência provisória com respeito a esses fatos e picuinhas tão característicos do sistema literário tupiniquim, sobretudo no que se refere à demasiada importância atribuída por Rosa àquele “clube de amigos” que finalmente o levaria à morte, à anastasia e à pervivência em sua derradeira morada: a Poesia.

3. DESENREDO: DEAMBULAÇÕES NÁUTICAS E FABULAÇÕES METAPOÉTICAS

Tutameia é um compêndio metapoético que vem à luz em julho de 1967, apenas quatro meses antes da morte previamente anunciada do romancista. Essa coletânea incorpora o prosoema intitulado “Desenredo”, publicado, como já dissemos, originalmente na revista médica *Pulso*, em 19 de maio de 1965. Leve-se aqui em conta o fato de que, por então, Rosa tem sua vaga assegurada na ABL desde a exitosa e atribulada campanha de sete longos anos que resultou em sua eleição no ano de 1963. Terão sido consumidos sete anos de inúteis tarefas mezinhas e vãos rapapés, por parte de um genial escritor que, para sagrar-se imortal personagem literário, singrará homérica e arriscadamente por sobre os mares imprevisíveis e sorrateiros da vaidade humana, por sobre os torvelinhos dos prêmios arranjados, por sobre os vagalhões dos ancilares congraçamentos recíprocos – para, por fim, poder alcançar a posse sobre a gleba que lhe cabia, por mérito, nesse latifúndio oceânico.

À superfície do texto, o relato parte de um pretexto banal: Jó Joaquim é reiteradamente preterido por sua cobiçada companheira, cujo nome traz quatro variantes anagramáticas ao longo das poucas linhas em que se desenvolve o enredo protonarrativo. Diante dos sucessivos enleios e

desenleios infiéis de sua desonesta contraparte amorosa, Jó mantém-se resiliente e cordato. Ao fim e ao cabo, por meio de argúcia hipócrita – o desonrado pretendente nega em público a reiterada infidelidade que é de todos conhecida –, logra juntar-se à tão escorregadia figura do desejo, ao fim da terceira edição de tropeções imprevisíveis e rupturas inesperadas. O encontro definitivo, diz o narrador, será então formalmente assentado em ata. Marília Librandi Rocha propõe esta espantosa leitura para o enredo:

Jó Joaquim seria então um *alter-ego* ficcional de G. Rosa, um seu duplo (aliás, como o nome mesmo do personagem indica), como um protótipo do narrador de ficção que, nesse caso, se posiciona contra a História, a moral, os bons costumes e a lógica, para poder “operar o passado” e encontrar a felicidade. Narrador demiúrgico, ele é o duplo do modelo idealizado por Rosa como sendo o lugar a ser ocupado pelo escritor de ficção – o de poder ser blasfemo para corrigir Deus, se preciso, e ajudar o homem (ROCHA, 2009, p. 124).

Partamos dessa substantiva e subversiva proposta, em busca de novas e improváveis pistas de interpretação.

Uma rápida leitura do texto revelaria – talvez até mesmo ao mais desatento dos olhares – seu irreverente viés metapoético, uma vez que o campo lexical enfeixa-se abertamente no âmbito das práticas literárias: “desenredo”, “narrador”, “ouvintes”, (su)“frágio”, “fábula”, “ata”, “reticências”, “rascunho”, “célebre”, “respeitado”, “colher de chá” (das cinco), “capas”, “notório”, “pseudopersonagem”, “à conta inteira”, “platonizava”, “Ulisses”, “Aristóteles”, “preto e vermelho” (como veremos) etc. – entre as quais se destaca “arte” (DSRD).

Do ponto de vista genealógico, em que medida haveria referências à literatura no nome da infiel contraparte do paciencioso Jó? Estes são os anagramas explícitos no nome dela: LIVÍRIA, RIVÍLIA, IRLÍVIA, VILÍRIA. Os anagramas implícitos poderiam ser também, caso o leitor do presente ensaio nos conceda provisoriamente essa licença poética: VIRÍLIA, IRVÍLIA, LIRÍVIA etc.

Por outro lado, e não por acaso, o nome dessa vilã personagem forma-se sobre estas três consoantes: LVR. Parece bastante evidente a genial brincadeirinha de Rosa com a palavra LIVRO. Ou LIVRE. Mas também com VLR: VALOR?

Pode-se prosseguir ludicamente com os eventuais anagramas, como se estivesse em causa a língua hebraica, cuja escrita escamoteia as vogais, convocando o leitor a atribuir sentido ao texto: RELEVO, REVELA, REVELIA? Seria mesmo possível derrapar na beira do abismo

e despencar jocosamente sobre “VELÓRIO” – sobretudo se lembrarmos que Jó Joaquim é “bom como o cheiro da cerveja” (DSRD, p. 63), espantoso *calembour* funéreo e pluri-idiomático do qual trataremos logo abaixo. Logogrifo, enigma, coincidência ou superinterpretação? Indecidibilidade, indizibilidade, inefabilidade ou... nonada?

Partamos da ideia de que “intervir autoralmente no texto alheio é mesmo uma intimação que Guimarães Rosa faz a seus leitores” (SILVA, 2011, p. 33), como o próprio autor expressa na famosa entrevista de 1965: o crítico deve “completar junto com o autor um determinado livro”, tornando a crítica literária, assim, “produtiva e coprodutiva”, “um diálogo entre o intérprete e o autor, uma conversa entre iguais” (ROSA, 1994, p. 40). Seja como for, o leitor deste estudo pode considerar este texto apenas como um exercício *blagueur* sobre as possibilidades de interpretação lúdica da obra rosiana, intencionalmente muito aquém da intencionalidade do autor, sobre a qual costumam se debruçar tantos e tantos insignes pesquisadores que dedicam toda uma vida à exegese de seus próprios bardos... Contudo, esse exercício poderia levar a interessantes pistas sobre a “misteriosa inter-relação entre vida e imortalidade [que] é o motivo da vida”, segundo orienta Vilém Flusser (2014) no que se refere ao projeto biopoético de Rosa.

Retomemos nossa rota de navegação que levaria, com bons ventos, ao desenredo: logo ao início do curto prosoema, o narrador protagonista menciona vagamente algumas das características da personagem antagonista, que pertenceria ao gênero feminino – pelo menos no que tange às categorias gramaticais. Quais são os traços que correspondem à misteriosa entidade?

Livíria, Rivíria, Irlívia, Vilíria. Qual poderia ser o significado para os múltiplos nomes anagramáticos que recebe (explícita ou virtualmente) a personagem em curtas duas páginas e meia de um prosoema fortemente marcado por recursos de versificação (frases curtas, escandidas por pontuação rítmica, com alternância melódica de sílabas tônicas e átonas) e por recorrentes figuras de estilo (tais como repetição, gradação, aliteração, assonância, metonímia, sinédoque, metáfora, ironia, hipérbato, quiasmo, neologismo, arcaísmo etc.)?

Lembremos, inicialmente, que o sufixo latino “-ia” indica um agrupamento de pessoas que coabitam num mesmo território, formando um país, uma nação, uma aldeia ou uma... ilha. Aliás, o próprio narrador aclara a questão: “as aldeias são a alheia vigilância” (DSRD, p. 63). Note-

-se que há centenas de países, cidades e regiões cujos nomes terminam em “ia”, da Macedônia à Índia, da Argélia à Indonésia, da Bolívia à Hungria... Santa Cruz de Cabralia é a “terra de Cabral”, enquanto, na língua húngara, “Brasil” escreve-se “Brazilia”... Marginália, juvenília, delegacia, baronia, genitália, curadoria, capitania, vilania: múltiplos são os exemplos em que o sufixo “-ia” indica o lugar em que algo ou alguém reúne-se com seus homólogos.

Pois bem, a palavra “academia” (do grego Ακαδημία) constrói-se exatamente nesses moldes, pois nela o sufixo grego “-eia” também indica um local, no caso um local consagrado ao herói Academos (Ακάδημος) – por extensão, “academia” assume o significado de “local em que se reúnem poetas, artistas e sábios” (*LEXILOGOS*, [s.p.]). Tal parece ser a indicação de Rosa ao dizer que Jó Joaquim deve aí desembarcar como Ulisses, o Guerreiro – nada menos que o principal herói da literatura grega! E jamais como um “pseudopersonagem” (*DSRD*, p. 63)! Caso tal leitura seja produtora, a ABL estaria aí representada como uma espécie de Ítaca – destino e meta final do herói navegador, exímio e infalível arqueiro. Note-se que, ao invés de encontrar sua fidelíssima Penélope, nosso Jó-Ulisses, ao disparar setas sobre seu alvo, alcança apenas uma leviana e infiel companheira; ao cabo dessa viagem de cabotagem em torno da aldeia ilhada em si mesma, a tão almejada e não menos infiel recebe, enfim, seu nome definitivo, que trataremos de analisar na última seção do presente estudo: Vilíria.

Se calhar – sem encalhar –, o próprio título da coletânea em apreço parece se construir sobre o mesmo modelo de formação lexical: “Tutameia” seria, talvez, uma junção de francês (*tout à moi*), inglês (*me*) e grego (sufixo *-eia*), indicando que esse fabuloso compêndio seria o local em que se reúne “tudo meu” ou “tudo sobre mim”. Eis aí uma explicação para a unidade orgânica com que o autor qualifica essa reunião de textos que, à primeira leitura, dificilmente poderiam se conjugar.

Por esse viés, é bem verdade que a menção a Ulisses poderia ser interpretada como uma sarcástica alusão ao helenismo pomposo e etnocêntrico ostentado por membros da confraria, como bem assinala Paulo Mendes Campos: “Por olímpica ironia, a Grécia brasileira [ABL] entrou em colapso quando o imortal Coelho Neto bradou *sous la coupole* esta sentença digna de um almirante batavo: Eu sou o último dos helenos!” (2013, [s.p.]). Ou talvez Rosa se apresente como o mais heleno dentre os helenos tupiniquins – e aqui caberia lembrar que o romancista inscreve-se na filiação direta de Manuel Odorico Mendes, o mais imaginativo

dos tradutores lusófonos de Homero.¹¹ Note-se que um dos contos de estreia do mineiro traz exatamente seu título em grego: “Chronos kai Anagke” [tempo e fatalidade]. Igualmente, nessa figura transculturada de Ulisses, caberia entrever a noção benjaminiana de pervivência, que se manifesta na obra rosiana, condição segundo a qual um autor pervive postumamente por intermédio das traduções (interpretações, recriações, comentários etc.) de seus textos; por outro lado, a referência a Ulisses implica, necessariamente, o preceito helênico da “Bela Morte”, tal como analisa Jean-Paul Vernant.¹²

LIVÍRIA, RIVÍLIA, IRLÍVIA, VILÍRIA: as variações anagramáticas sobre o nome da personagem permitiriam tais leituras?

Para Jó Joaquim, Livíria viria com seus “olhos de viva mosca” (DSRD, p. 63 – “mosca” significa “ponto negro que se coloca no centro de um alvo” (HOUAISS; VILLAR, 2001, [s.p.]), e o “olho” da mosca é um alvo ainda mais preciso e delimitado. Bem, por ser uma “viva mosca”, subtraindo-se aleatoriamente ao alcance da seta, aquele objeto dos desejos torna-se um alvo ainda mais difícil de ser atingido, até mesmo pelo mais preciso dos arqueiros, pistoleiros ou franco-atiradores. E qual seria esse alvo, essa meta, essa mosca?

Pois bem, como possível rota de navegação, relembremos o fato de que o fundador da ABL é autor de um célebre poema intitulado... “Mosca azul” (SILVA, 2017). Nesses versos, o Bruxo do Cosme Velho discorre sobre o deslumbre provocado pela glória e pelo poder, e a imensa fortuna desse poema atesta-se pela inclusão, no idioma pátrio, da expressão “mosca azul”. Veja-se Houaiss e Villar (2001, [s.p.]): estar “com a mosca azul” corresponde a “cheio de soberba, de orgulho, de aspirações, ambições”. Pois bem, qual seria a possível e eventual relação entre a “mosca azul” de Joaquim Maria Machado de Assis e a “viva mosca” de Jó... Joaquim? Por tal viés, cabe ressaltar o fato de que nosso romancista recebeu, no ano de 1961 e da própria ABL, o Prêmio Machado de Assis, pelo conjunto de sua obra – outra vela içada aos bons ventos da planejada eleição. Ora, é recorrente e notório o fato de que, por metonímia, o título da condecoração transfere-se amiúde ao condecorado, como no caso do Nobel, por exemplo. Logo, a referência parece bastante clara: Jó Joaquim seria precisamente um duplo ficcional daquele João que foi condecorado com o prêmio “Joaquim”? Seu alvo, sua mosca, sua meta: a ABL... E mesmo o revoluto ofício do antigo

¹¹ Cf. Marinho (2001a).

¹² Cf. Marinho e Silva (2019).

médico sertanejo é aqui abertamente mencionado: “Jó Joaquim, genial, operava o passado” (DSRD, p. 65)...

É notório o fato de que Rosa tem profunda ojeriza por lugares-comuns, como se vê nesta carta enviada a sua tradutora americana:

[Você] Deve ter notado que, em meus livros, eu faço, ou procuro fazer isso, permanentemente, constantemente, com o português: chocar, “estranhar” o leitor, não deixar que ele repouse na bengala dos lugares-comuns, das expressões domesticadas e acostumadas; obrigá-lo a sentir a frase meio exótica, uma “novidade” nas palavras, na sintaxe (ROSA *apud* VERLANGIERI, 1993, p. 60).

Ora, em 1933, Rosa discorre, ao lado de Geraldo França de Lima,¹³ sobre o fasto e o esplendor da Academia, tal como por então lhe parece sua mosca azul, no frescor pueril de seus 25 anos de idade, nas imediações ribeirinhas e interioranas do Rio São Francisco, totalmente alheio aos jogos de poder dos clientes que frequentam as alcovas praianas do Petit Trianon...

Por então, o jovem Rosa parece ignorar que eleições podem ser determinadas por uma “mosca”, termo que corresponde também a “repetição de determinado número nas apurações de jogos” (HOUAISS; VILLAR, 2001, [s.p.]), imagem que equivaleria a “cartas marcadas” ou “dados viciados”: um sufrágio antecipadamente determinado, no qual os votos se repetem segundo acerto prévio entre os membros da confraria que escolhem um novo “amigo”? *Dês-enredo*? Retomemos o texto que trata da navegação de nosso paciente e resiliente Jó-Ulisses: a sentença “todo abismo é navegável a barquinhos de papel” é acompanhada de um “frágio da barca” (DSRD, p. 64)... Parece bastante evidente que se trata do naufrágio de um barco de... papel; ou seja, a cédula de votação que afunda na urna do sufrágio, nas cercanias da Baía da Guanabara, como se fosse necessário alguma outra pista de interpretação! “Viva mosca” corresponderia, portanto, a um alvo esvoaçante e correição: Fernando Henrique Cardoso lançou a célebre tirada de que é mais fácil ser eleito para a Presidência da República do que para a ABL!

Retornemos a Jó Joaquim: na Bíblia, Jó é traído por Deus, mas mantém-se fiel, paciente, resiliente e perseverante, afirmando: “15. Quand même il me tuerait, j’espérerais en lui. [...] 25. Car je le sais, mon Rédempteur est vivant, et au dernier jour je ressusciterai de la terre ; 26. Je serai de

¹³ Cf. Marinho (2001a).

nouveau revêtu de ma peau, et dans ma chair je verrai mon Dieu. 27. Je le verrai moi-même, ce sont mes yeux qui le contempleront” (LA SAINTE BIBLE, Jó XIII, 15; XIX, 25-27).¹⁴ Se o antigo Livro de Jó corresponde a um “caminho da sabedoria”, aqui teríamos uma vereda que leva a essa epifania derradeira, a morte. Em outros termos, o nosso Jó prevê sua própria e merecida ressurreição e pervivência, por meio de sua paciência em conquistar sua meta, em obter os favores de Irlívia, em alcançar a imortalidade no mausoléu da ABL. Paciência de Jó: três candidaturas, sete anos de espera. Santa paciência bíblica! Santo prosoema metapoético!

4. “E PÔS-SE A FÁBULA EM ATA”: “TRÊS VEZES PASSA PERTO DA GENTE A FELICIDADE”

Retomemos o último e sentencioso verso do prosoema: “E pôs-se a fábula em ata” (DSRD, p. 65). Caso Vilíria fosse uma mulher e o desenredo resultasse em casamento, o documento correspondente seria uma certidão ou um registro cartorário – jamais uma “ata”. Esse termo jurídico é próprio exatamente para a documentação de reuniões públicas ou eleições, tal como é a praxe na ABL. As “três vezes” (p. 65) a que se refere o narrador corresponderiam, portanto, às três candidaturas de Rosa, duas das quais assentadas em ata – poderíamos agora tomar essa hipótese como mais que plausível, na esteira aberta pela presente construção lúdica de sentidos.

Pois bem, em sua hipotética corrida à Academia, Jó Joaquim “proibia-se de ser pseudopersonagem, em lance de tão vermelha e preta amplitude” (DSRD, p. 63). Ao que tudo indica, o texto poderia fazer aqui alusão ao célebre romance de Stendhal, *Le rouge et le noir*, cuja epígrafe traz esta sentença reveladora: “La vérité, l’âpre vérité. DANTON”. A verdade, a amarga verdade: da fábula à ata, da ficção metapoética ao registro documental, da alusão velada à revelação, da estória à história. Genealogias da escrita a duplo gume, eis.

Julien Sorel, protagonista de *Le rouge et le noir*, poderia ser entrevistado como outro duplo autoficcional de Rosa, segundo parece sugerir “Desenredo”: ambicioso e autodidata, egresso de uma família modesta e alheia a atividades intelectuais, o herói termina por aprender a recitar textos em latim, entre outras habilidades oratórias. Julien torna-

¹⁴ “Ainda que Ele me matasse, nEle eu confiaria. [...] Pois sei, meu Redentor vive, e no último dia ressuscitarei da terra; serei novamente revestido com minha pele e na minha carne verei meu Deus. Eu próprio o verei, são meus olhos que hão de contemplá-lo.”

-se seminarista, alvo do ódio e da inveja de seus congêneres, esfomeados campônios cuja transcendência encontra-se no mais rasteiro prato de chucrute (repolho fermentado) servido no jantar. Note-se que, em cerimônia pública e dramatúrgica, Julien terminará por voluntariamente entregar a alma em razão de sua própria ambição e vaidade sedenta de transcendência, para muito além do provincianismo, tanto de sua aldeia pequeno-burguesa quanto da aristocracia parisiense. Por outro lado, cabe observar que, em sua qualidade de biógrafo de Napoleão e de Rossini, Stendhal (*apud* GIRON, 1995, [s.p.]) constata: “É tão difícil escrever a história de um homem vivo!”. Luís Giron afirma ainda que Stendhal “se devotou ao áspero ofício de criar biografias de personagens vivas”, ao mesmo tempo em que “se engaja tão intimamente na vida dos seus heróis que os livros constituem capítulos de uma mesma autobiografia – a de Beyle [Stendhal]” ([s.p.]). Pois bem, tal é o que nos parece fazer nosso romancista, ao previamente elaborar seu projeto biopoético (que inclui um espantoso desfecho teatral), para vivê-lo ulteriormente, no gume afiado de suas mais sinuosas frases e imagens, no espelho polido de seus personagens autorreferenciais. E que seja lembrado, *en passant*, que Stendhal (2002) traz, em *Lucien Leuwen*, três prefácios e “um outro início” – ideia que parece ter inspirado a estrutura poética de *Tutameia*...

Nesse sentido, Marília Librandi Rocha (2009, p. 121) sustenta a ideia de que “Desenredo” “é um conto que se filia à ‘forma simples’ do chiste, seja em relação ao tema, seja em relação aos procedimentos formais”. A pesquisadora retoma um texto de André Jolles (*apud* ROCHA, 2009, p. 121) para apresentar uma definição de “chiste” que corresponderia precisamente ao título “Desenredo”: “o chiste, onde quer que se encontre, é a forma que desata coisas, que desfaz nós”.

Lancemos, pois, um olhar ao desenredo da trama metapoética – Jó Joaquim finalmente obtém os favores definitivos da almejada e enigmática personagem. Qual seria o chiste, a anedota, a blague, o ponto nodal? Vejamos os nomes da personagem, tendo em mente que o sufixo “-ia” corresponde a um local em que se reúnem entes congêneres.

Tomemos inicialmente “Rivília”. Segundo Houaiss e Villar (2001, [s.p.]), do elemento de composição antepositivo “riv(i), derivado do lat. rīvus, i ‘ribeiro, arroio, rio’, decorre uma série de palavras como “rival, rivalidade, rivalização, rivalizado, rivalizador, rivalizante, rivalizar, rivalizável”. Seria “Rivília” o país dos rivais e da rivalidade? Um belo chiste, digno da genialidade que o narrador atribui a Jó Joaquim!

Nessa aldeia chamada Rivília, em 1957 (com eleição em janeiro de 1958), Rosa deve confrontar-se com um rival de peso, Afonso Arinos de Melo Franco, com amplo trânsito entre os acadêmicos. Escudado em seu padrinho João Neves da Fontoura, Rosa amargou o mais dorido revés: recebeu apenas 10 votos, contra 27 dados a Arinos. Sua consciência de ter produzido textos de plana superior aos de seu rival leva nosso escritor a um estado de profunda comoção. Não por acaso, o narrador assim fala sobre a dor de Jó (João) Joaquim ao ser preterido por sua almejada Rivília: “Jó Joaquim, derrubadamente surpreso, no absurdo desistia de crer, e foi para o decúbito dorsal, por dores, frios, calores, quiçá lágrimas, devolvido ao barro, entre o inefável e o infando” (DSRD, p. 63). Essa passagem parece espelhar o episódio de comoção intestinal que acometeu nosso Ulisses mineiro em janeiro de 1958, ao prever a derrota diante de Arinos, ao confrontar-se com a inevitável queda do pedestal em que se via – a surpreendente derrubada. Até mesmo na escatologia do vocabulário *blagueur*: “devolvido ao barro”.

Vejamos então “Livíria”. Houaiss e Villar (2001, [s.p.]) informam que o “prefixo liv- antepositivo, do v. lat. livèò, es, ére” indica a condição de “estar denegrido, ter cor de chumbo, estar lívido; estar magoado, pisado, machucado, ter contusões; ser invejoso, ter inveja”. Desse antepositivo decorrem vocábulos cabulosos como “lividescência, lividescente, lividescer, lividez, lívido (< lat. livídus,a,um ‘azeitonado, de cor de chumbo; magoado, pisado, machucado; invejoso’)” ([s.p.]). Livíria: o país dos magoados e invejosos? No mínimo, seria um chiste bastante espirituoso...

Ao final, o narrador entrega o verdadeiro e definitivo nome da cobiçada: Vilíria. Pois bem, “vil” é uma palavra cuja origem etimológica encontra-se no latim *vilis*, “de baixo preço” (*LEXILOGOS*, 2002-2019, [s.p.]). Ao primeiro olhar, emerge desse nome a duplo gume (Vilíria: antropônimo e topônimo) a vileza de um sufrágio em que as relações de compadrio e clientelismo primam sobre critérios atinentes à poesia e à literatura. Vilíria seria então o país da vileza, mas também a terra da vil moeda a baixo preço, dos rapapés trocados em contrapartida ao *jeton* dos chás das cinco, a ilha das “conversinhas escudadas”, dos “embustes”, das “falsas lérias escabrosas”, da “água suja” (DSRD, pp. 64-65), que o narrador atribui a essa amada aldeia da vilania a que se destina Jó Joaquim. Vilíria observa o mundo com seus “olhos de viva mosca” (DSRD, p. 63): em outros termos, o subtexto rosiano pareceria sugerir que a aldeia litorânea e seus habitantes com “olhos de viva mosca” entregam-se a práticas das mais vis

ou vilãs... Contudo, essa hipótese nos parece pouco plausível, e registra-se aqui apenas a título de curiosidade, de eventualidade poética. Em todo caso, como relembra Giacomo Leopardi, é unicamente da dúvida que se pode extrair a verdade. Duvidemos, pois, na esperança de alcançarmos alguma apara residual de epifania. A dúvida é ponto de convergência no conjunto da obra rosiana, de “Chronos Kai Anagke” ao discurso de posse na ABL. Em outros termos, o sentido da obra rosiana encontra-se no número de possibilidades de sentido que dela se consegue extrair, sempre escudadas na determinante indecidibilidade.

Seja como for, observe-se esta passagem: “Apostrofando-se, como inédito poeta e homem” (DSRD, p. 64). Aqui, o “inédito poeta” corresponderia àquele bardo que foi agraciado com um prêmio da ABL pelo livro de poemas *Magma*, volume que só veio à luz em edição póstuma, em aberta desfeita à instituição premiadora, diga-se de passagem, uma vez que Rosa desautoriza a avaliação feita pelos ilustres membros da confraria, ao negar-se a publicar a obra. Por outro lado, quando da primeira candidatura, anunciada em março de 1956, *Grande sertão: veredas* (GSV) ainda estava inédito, pois só seria lançado em maio. Rosa cogitou concorrer à ABL unicamente com *Sagarana*, alguns escritos avulsos e o recém-lançado (com dois meses de circulação) *Corpo de Baile!*

Destarte, é preciso sublinhar a ideia de que a ABL encontra-se no enredo de GSV, aspecto que se confirma com o rascunho do desenho encomendado por Rosa a Poty Lazarotto, no qual se encontra um ramo de louvável parecença com os louros que, anos mais tarde, seriam bordados sobre o fardão de Guimarães – após muito rapapé, louvaminhas e candongas. Tais ramos também remetem ao próprio brasão da ABL... Em suma, o romancista (praticamente inédito por então!) demonstrava urgência em alcançar uma cadeira no “clube de amigos”, como forma de materializar e desenredar a história do bardo Riobaldo, seu duplo ficcional e proto-protagonista de uma “autobiografia irracional” – aquela em que se conta uma morte para em seguida se construir uma vida, amplamente decalcada sobre o enredo ficcional.

Retornemos ao ilustrativo “Apostrofando-se, como inédito poeta e homem” (DSRD, p. 64). Pois bem, “apostrofar” significa também “afrontar, insultar, injuriar, ofender”: esse “inédito poeta”, em sua condição humana e literária, parece sugerir que se ofende e se insulta a si próprio ao buscar alcançar sua meta, atingir seu alvo-mosca: a vil Vilíria. Parece-nos que aqui tropeçamos na mais pura prática da superinterpretação: seria

inimaginável sugerir que o consagrado romancista, do alto de sua erudição humanista, sequer pudesse conceber a ideia de que os ilustres acadêmicos que o acolheram (somente após muito rapapé compulsório, ancilar e obrigativo...) deveriam ser homenageados com uma chistosa revanche à própria revelia dos ilustres cidadãos da aldeia chamada Vilíria... Límpido remate de males!

Acrescentemos uma peça ao jogo das latências homofônicas, com esteio na primeira sentença do conto, passagem em que se alerta para a necessidade de atentar à oralidade que aí se inscreve: “DO NARRADOR a seus ouvintes” (DSRD, p. 63). Por esse viés, vejamos o nome “Irvília”: ainda que esteja presente apenas virtualmente na cadeia de anagramas possíveis, também caberia conjecturar sobre esse outro espantoso *calembour* chistoso, uma vez que “irvília” teria “ervilha” como parônimo – o humílimo grão integra, em vários idiomas, expressões que conotam baixo valor e pequenez, ninharia, bagatela, nonada. Por exemplo, “cérebro de ervilha” é uma expressão que designa pessoas com insuficiente nível de entendimento. E Heráclito acrescenta: “Se felicidade estivesse nos prazeres do corpo, diríamos felizes os bois, quando encontram ervilhas para comer”. Pois bem, retornemos a Stendhal: parece-nos pouco provável que Rosa tenha sequer imaginado a possibilidade de sugerir que a egrégia confraria carioca seja análoga a uma ervilha, ou que, tal qual esses invejosos rivais de Julien Sorel, que encontram na cumbuca de chucrute seu mais amplo horizonte de vida, alguns comensais do Petit Trianon sonhariam com uma rasteira tigela de ervilhas como avatar do manjar dos deuses...

Por ora, veja-se esta pequena notícia sobre as “ervilhas” que constam no cardápio das sessões de conagração do Petit Trianon praiano, segundo registra Fabio Victor (2010, [s.p.]): “Na quinta passada, além da infusão, havia frutas, tortas e biscoitos variados, sanduíches, almôndegas, queijo coalho e bolo de rolo, estes últimos uma exigência do pernambucano Vilaça”. Almôndegas? Queijo coalho? Não por acaso, essa apetitosa Vilíria-Irvília é qualificada como “pão com mel” (DSRD, p. 63) – sarcástica alusão aos bons-bocados servidos para apaziguar o estômago complacente e o apetite renitente de certos convivas? Como se concebe que indivíduos que se elegem de forma autocrática para um “clube de amigos” tenham suas ervilhas, torradas e chucrutes custeados à revelia (*rivilia*) do erário público?

Contudo, o leitor do presente ensaio poderá afirmar, sem a menor margem de erro, que esse eventual anagrama não está explicitamente

presente no texto, evidenciando uma qualquer “intenção do autor”, uma “mensagem”, o que o “autor quer dizer”...

Levemos adiante os anagramas que Rosa possivelmente deixou em suspenso: Que país seria então a eventual Virília?

Houaiss e Villar lembram que “virilha” deriva do latim *virilia, ium*, “partes sexuais do homem”. Virília, Vir-Ilha, seria o topônimo para a “ilha de varões”, “ilha de viris” que, em 1967, ainda não acolhia mulheres entre seus congêneres. Apenas em 1976, os mancebos passaram a aceitar a candidatura de escritoras – sempre em minoria, claro está. E não é em vão que Jó Joaquim navega segundo sua suprema genialidade: para se chegar a essa ilha, é preciso um “barquinho de papel” que navegue sobre abismos, nau pilotada com mão de mestre pelo próprio Ulisses. Desembarcará nessa ilha de varões em sua categoria superior de personagem mor, em sua viril condição de Ulisses. Jó Joaquim recusa para si a condição de “pseudopersonagem”, segundo afirma o narrador. Em 1967, o anagrama “Virília” parece espelhar tão limpidamente a natureza patriarcal da ABL que talvez Rosa o tenha voluntariamente suprimido do elenco de chistes explícitos, pois seria uma pista de leitura por demais evidente... Os quatro anagramas formalmente explicitados conduzem forçosamente a esse último, o qual retomamos por aqui, mesmo sob o risco de um possível naufrágio.

O narrador acrescenta: “Era o seu um amor meditado, a prova de remorsos. Dedicou-se a endireitar-se” (DSRD, p. 64). Leia-se: o manifesto e ostentatório amor de Rosa pela Academia revela-se fruto de um cálculo, de um planejamento solitariamente meditado e executado. Tendo sido preterido nas candidaturas de 1956 e 1957, para a campanha de 1963 empenhou-se em “endireitar-se” para enfim conquistar os doridos votos, obedecendo estritamente aos protocolos e costumes de praxe, como o envio de correspondências, as visitas de cortesia, os elogios mútuos, e talvez até mesmo a participação no inócuo volume coletivo intitulado *O mistério dos MMM*, inosso e insípido. Em mais um “lance de [dados de] tão vermelha e preta amplitude”, retomemos Stendhal (1964, p. 113): “Mais Julien était trop fidèle à ce qu’il appelait le devoir, pour manquer à exécuter de point en point ce qu’il s’était prescrit”.¹⁵ Amor “a prova de remorsos”: esse “amor meditado” suporta até mesmo reiteradas mordidas e mordeduras, imprevisíveis traições ou pequenos achaques – tal como, talvez, o insidioso (e irrecusável) convite para participar desse insípido

¹⁵ “Mas Julien era por demais fiel ao que ele chamava de dever, para deixar de executar, ponto por ponto, aquilo que prescrevera para si próprio.”

livro coletivo em companhia de escritores de plana desigual, mas com poder de voto ou forte influência nos resultados do (su)frágio...

A esse conjunto de contratempos e percalços, Rosa parece responder com uma irreverente paródia anedótica sobre a saga heroica de Ulisses. Contudo, tal escolha revela uma vez mais, se preciso for, a genialidade do médico escritor, o qual antecipa poeticamente (como já o fizera com as noções de palimpsesto, intertextualidade, obra aberta, signo motivado, oratura...) o conceito de Síndrome de Ulisses. Isolado, traído, vilipendiado, silente, espoliado em território alheio – mas resiliente, perseverante, paciente, sobrevivente e vitorioso: Rosa compara sua própria experiência errante sobre os mares abissais de Virília – em contraponto ao curso de uma vida em que tudo parece meticulosamente planejado e triunfal – àquela do herói grego que conquista seus objetivos por meio da vontade e da habilidade únicas. “A verdade, a amarga verdade!”

Cabe aqui reler e ressignificar a seguinte referência a Jô João Joaquim: “inédito poeta e homem” (DSRD, p. 64). Se o aspecto autoral no plano literário parece ter se explicitado ao longo das presentes conjeturas, resta a imagem do “inédito homem”. Que espécie de ineditismo humano poderia haver no banal enredo de uma aventura em que um homem aceita compartilhar sua amada? Ineditismo algum, até mesmo porque esse é um dos mitos fundadores do cristianismo, um tema que já resultou em uma infinita miríade de outros relatos convergentes... Deve-se, portanto, buscar o ineditismo em outros planos existenciais, para além das relações conjugais ou amorosas.

Lancemos outra duvidosa hipótese, portanto: seria talvez legítimo ver aí a figura do personagem-autor de si mesmo que emerge da “autobiografia irracional”, aquele que, porventura pela primeira vez na história da humanidade, escreve previamente uma vida (e uma morte) para em seguida completar todas as etapas anunciadas em sua obra de ficção? “Inédito homem”! Rosa manifestaria aí sua aguda consciência de inaugurar, na infinita série de reiteradas ocorrências de existências humanas marcadas pelo acaso, a primeira e única sequência de fatos e experiências de vida (mas também de morte) em que um fortuito (e mineiro) exemplar dessa frágil espécie terrena toma em mãos seu destino e executa minuciosamente todos os passos rumo à eternidade. Eis aí o ineditismo de um homem sobre-humano, aquele que planeja e realiza todas as etapas e feitos de sua vida, mas também desenha e resenha previamente a hora e a vez e as circunstâncias de sua morte, assim como

conduz habilmente tudo aquilo que seria dito postumamente sobre sua poética existência e desenredo. Controle absoluto! Sobre o tempo e a fatalidade! Essa ideia torna-se explícita nesta asserção (extraída do famoso discurso de posse) do nosso poeta, emprenhado de metapoesia, gestante permanente de sua própria existência biopoética, de sua própria pervivência:

Mas, o que o homem é, depois de tudo, é a soma das vezes em que pôde dominar, em si mesmo, a natureza. Sobre o incompleto feitio que a existência lhe impôs, a forma que ele tentou dar ao próprio e dorido rascunho (ROSA, 1968, p. 83).

Não por acaso, o microrrelato poético parte desta asserção: “Jó Joaquim, cliente, era quieto, respeitado, *bom como o cheiro da cerveja*. Tinha o para não ser célebre” (DSRD, p. 63, grifo nosso). Tomar essa expressão ao pé da letra implicaria, talvez, rebaixar o texto ao rés do chão, ao lodaçal espesso e viscoso das leituras ribeirinhas. Seria esquecer que Rosa fala reiteradamente de sua “repulsa física pelo lugar comum” (SARAIWA, 2015, [s.p.]). A imagem contrasta, por viés diametralmente oposto, com as elaboradas construções poéticas do bardo de Cordisburgo. Literalmente, “bom como o cheiro da cerveja” não casa com a imprevisibilidade e o estranhamento provocado por imagens como “abusufrutos”, “refritar almôndegas”, “num abrir e não fechar de ouvidos” (DSRD, p. 64) – para elencarmos apenas algumas extraídas do mesmo conto-fábula, essa “ata” de um “frágio”. Evitemos, pois, a facilidade de “refritar almôndegas”, expressão que parece corresponder às práticas interpretativas da “mesmagem, mesmice”, de que trata Riobaldo em *Grande sertão: veredas*, tal como se deduz do trecho em que se apresenta o inosso quitute metapoético: “Demonstrando-o, amatemático, contrário ao público pensamento e à lógica, desde que Aristóteles a fundou. O que não era tão fácil como refritar almôndegas” (DSRD, p. 65). Sim, o leitor tem razão: Aristóteles funda também a Poética, outra cartada genial de nosso João Joaquim! As almôndegas “refritas” corresponderiam, no caso da poesia, à sensorialidade das leituras críticas requentadas, recicladas e repassadas ao ponto da queima ou da calcinação.

Para escaparmos ao atol das “mesmagens”, façamos uma arriscada tentativa de leitura no plano dos *calembours* tão recorrentes em Rosa, busquemos os frutos do abuso (“abusufrutos”). Cerveja, em francês, é “bière” – mas ainda aqui permanecemos ao rés do chão. Entretanto, “bière” traz também, em língua francesa, uma segunda acepção, conforme indica

Lexilogos (2002-2019, [s.p.]): “Large planche, brancard, civière destinée au transport des morts et des blessés”,¹⁶ ou, em outros termos, “bière” é um sinônimo de “cercueil”, de ataúde, esquife, féretro, caixão funerário. Rosa é mesmo o grão-mestre em *calembours*, timoneiro preciso e infalível! Com tal *calembour*, o autor ilustra sua concepção de poesia: o “pulo do cômico ao excelso” (ROSA, 1985, p. 16). Em suma, Jó Joaquim seria, nesse caso, “bom como o cheiro da morte” – aquela que irromperia nas espantadas manchetes dos jornais, apenas quatro meses após a publicação de *Tutameia*?

É o que se poderia deduzir do tom *blagueur* e irreverente com que Rosa despista Antonio Callado no tangente à demasiada importância atribuída pelo mineiro à ABL: “O enterro, meu querido, os funerais. Vocês, cariocas, são muito imprevidentes. A Academia tem mausoléu e quando a gente morre cuida de tudo” (ROSA *apud* CALLADO, 1992, p. 8). Aliás, Jó Joaquim é qualificado como “cliente”: outro chiste sobre o clientelismo que marca as relações institucionalizadas no “clube de amigos”? Ou mordaz referência à relação entre cliente e cortesã que subjaz ao enleio concupiscente e venal de Jó Joaquim e sua volúvel Vilíria?

Do conjunto dessa leitura, emerge também o ineditismo absoluto de um poeta, no plano da literatura jamais realizada anteriormente: criar, por meio de índices factuais e literários dispersos, uma autobiografia que só se realiza no plano da oratura, exprimindo aí, no curso do próprio conto, ora em análise, em sua frase primeira e inaugural, a primazia do oral sobre o escrito, da oratura sobre a literatura: “DO NARRADOR a seus ouvintes” (DSRD, p. 63). De forma genial, nosso Jó Joaquim sertanejo representaria a exímia capacidade de Rosa em coletar fragmentos de oratura, replasmá-los com recursos da oralidade e da cultura popular, coá-los no filtro micrométrico da hiperescrita (porque, afinal, “Desenredo” é um texto escrito, obviamente), para então restituí-los a seus leitores – novamente em forma de oratura, precisamente como aquele narrador benjaminiano ao pé da fogueira, pois as interpretações dessa obra monumental só se completam (ou tentam se completar) no calor do debate presencial e participativo.

Assim, caberia aqui relembrar, de forma sucinta,¹⁷ que *Grande sertão: veredas* coloca em cena uma guerra sem quartel entre jagunços-poetas (R-io-bardo, Dos-Anjos, Drumão, Selorico “Odorico” Mendes, José “Joyce”

¹⁶ “Larga prancha, maca, padiola destinada ao transporte de mortos e feridos.”

¹⁷ Cf. Marinho (2001a, 2003, 2012); Cesar e Marinho (2017); Marinho e Silva (2019).

Babel, entre outros) e o signo arbitrário (Hermógenes). Após o eventual pacto com o demônio, o bardo atravessa o Liso do Sussuarão (o deserto de Saussure) e elimina o signo arbitrário do universo das Letras, abrindo as veredas da poesia para a motivação do signo. Ao fim e ao cabo, Riobardo recebe seu prêmio (Otacília) e entrega a alma (Diadorim). Pois bem: o prêmio é mediado por ninguém menos que o Dr. Meigo de Lima, chistosa alusão ao acadêmico e advogado Alceu Amoroso Lima, eventual padrinho da primeira candidatura de Rosa. Eis aí os elementos da “autobiografia irracional” e a possível razão para tanto zelo em alcançar uma vaga na ABL. Sem a posse, a estória não se realiza no plano da história. A menos que o romancista tivesse recebido aquele prêmio Nobel anunciado pelo jornal *O Globo* em 1965. Nesse caso, seria possível imaginar que Rosa teria provavelmente morrido em Estocolmo, três dias após a cerimônia, para grande comoção da comunidade literária internacional, para espanto ainda maior da imprensa. Naturalmente, de infarto. Acrescente-se: ao pé da letal Dona Joana – flor simbolicamente bordada sobre o fardão derradeiro... Somente assim a Estória torna-se História, a Carne faz-se Verbo.

Encerremos aqui, provisoriamente, sublinhando e abraçando sem reservas o seguinte julgamento proposto por Marília Librandi Rocha (2009, p. 124): “Desenredo’ é uma mini obra-prima porque na sua condensação desfaz as nossas divisões habituais, e elabora-se como um tratado poético”. A chave para a leitura dessa mini obra-prima pode estar nesta passagem de *Tutameia*: “O VERDADEIRO GATO. O menino explicava ao pai a morte do bichinho: – O gato saiu do gato, pai, e só ficou o corpo do gato” (ROSA, 1985, p. 13). Essa chave torna-se mais explícita se considerarmos a seguinte declaração de Vilém Flusser (2014, p. 91), no que se refere ao tema biopoético de suas derradeiras conversações com “O VERDADEIRO ROSA”, boas como “cheiro de cerveja”, à maneira de Jó Joaquim: “a decisão para a definitividade de minha morte é a decisão em prol da minha imortalidade para os outros”. Retornemos outra vez a *O vermelho e o negro*: “Je ne vois que la condamnation à mort qui distingue un homme, pensa Mathilde, c’est la seule chose qui ne s’achète pas. [...] La condamnation à mort est encore la seule chose que l’on ne soit pas avisé de solliciter” (STENDHAL, 1964, p. 296).¹⁸ Era. Foi. Já não o será.

¹⁸ “A condenação à morte ainda permanece como a única coisa que não se é aconselhado a solicitar.”

“Despedidosa dose”: conclusão desenredante

A presente proposta de leitura genealógica de um prosoema rosiano percorre um amplo leque de possibilidades de significado que flutuam sobre as águas revoltas da hermenêutica – unicamente como conjecturas que jamais poderão ser confirmadas ou infirmadas. Seja como for, é inegável o fato de que Rosa tem o condão de acumular um surpreendente volume de significados em cada uma de suas palavras e imagens, signos em permanente rotação, sublime realização transculturada do malarmeano “Lance de dados”, o “Lance de dê” que se abre em dê-enredo – sobrepondo prosa e verso em um mesmo texto de fatura simultaneamente poética e documental, linear e hologramática, grave e chistosa.

DESENREDO: na esteira aberta pela presente leitura, pode-se inferir que “desenredo” seria uma referência ao desfecho da trama literária em que Rosa logra sucesso, por fim, em seu pleito junto à ABL: tornar-se um imortal para imediatamente poder descansar em paz em seu mausoléu à beira-mar – eis aí uma eventual explicação para as metáforas náuticas apontadas por Walnice Galvão. Ou, por outro lado, “desenredo” poderia também sugerir que a posse seguida da morte é uma sutil forma de desentranhamento de uma rede à qual talvez não se desejasse pertencer... Pois bem, retomemos aqui este aforisma mais que revelador, lançado por Stendhal (1964, p. 298) em *O vermelho e o negro*: “La haute naissance ôte la force de caractère sans laquelle on ne se fait point condamner à mort!”¹⁹

Se muitos são os críticos que sublinham, no conjunto da obra roseana, a condição de tratado de teoria literária que se estampa em forma ficcional sob o pretexto da paisagem sertaneja (Se queres ser universal, pinta a tua aldeia, orienta Tolstoi...), caberia entrever no prosoema “Desenredo” uma aguda consciência sobre o sistema literário brasileiro, ao menos no que se refere ao cânone institucionalizado por uma agremiação gastronômica de assistência funérea, um “club de amigos” que se reúne sob a égide do deus Tântatos e sob os auspícios báquicos da renúncia fiscal...

Pois bem, as conjeturas aqui levantadas reúnem-se no plano da fábula, e não da ata. “A ESTÓRIA não quer ser história”, diz Rosa, na sentença inaugural do primeiro prefácio de *Tutameia*. Assim, nos atemos a reunir alguns elementos esparsos do insolúvel *koan* que Rosa legou à sua posteridade, na perspectiva de que, no mais das vezes, as perguntas

19 “O altivo nascimento priva da força de caráter sem a qual é impossível de se fazer condenar à morte.”

iluminam muito mais do que as respostas, sobretudo quando o jogo lúdico se apresenta no plano de uma “autobiografia irracional” e de uma morte exemplar que se realiza unicamente nas manifestações poéticas da oratura, únicas e irrepetíveis – no presente caso, o espaço encantado do Mito em que o autor alcança se transubstancializar por intermédio do verbo: aqui a carne faz-se verbo, ao revés do célebre cânone ocidental. Jó Joaquim “tinha o para não ser célebre” (DSRD, p. 63): assim também nosso João, para além e acima de qualquer Vilíria, Virília ou Rivília, agora unanimemente celebrado na pervivência de sua escrita monumental, memorial e metapoética. Diante do tempo e da fatalidade (“Chronos kai anagke”), pode-se dizer que Rosa, ao se erigir como monumento à resistência e à transcendência, pervive à imagem de um imponderável desdobramento biopoético de Julien Sorel, tal como apresentado por Stendhal (1964, p. 266), em sentença que vale todo um epitáfio: “celui-là (au moins) n’est pas né à genoux”.²⁰ Ave, palavra!

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Rodrigo de. Privilégios de um membro da ABL vão além da imortalidade. *Último Segundo* [on-line]. 04/03/2010. Disponível em: <<https://ultimosegundo.ig.com.br/brasil/privilegios-de-um-membro-da-abl-vaio-alem-da-imortalidade/n1237589695437.html>>. Acesso em: 12 mar. 2019.
- BARBOSA, Alaor. *Sinfonia Minas Gerais: a vida e a literatura de João Guimarães Rosa*. Brasília: LGE, 2007.
- BORTOLOTTI, Marcelo. O mausoléu da ABL tem poucas vagas – e a fila continua andando. *Revista Época* [on-line]. 22/01/2017. Disponível em: <<https://epoca.globo.com/cultura/noticia/2017/01/o-mausoleu-da-abl-tem-poucas-vagas-e-fila-continua-andando.html>>. Acesso em: 12 mar. 2019.
- BORTOLOTTI, Marcelo. O beija-mão na Academia Brasileira de Letras. *Revista Época* [on-line]. 29/03/2018. Disponível em: <<https://epoca.globo.com/cultura/noticia/2018/03/o-beijamao-na-academia-brasileira-de-letras.html>>. Acesso em: 12 mar. 2019.
- CALLADO, Antônio. Versos de Guimarães aguardam resgate. *Folha de São Paulo* (Ilustrada), caderno 4, 25/07/1992, p. 8.
- CAMPOS, Mateus; BIANCHI, Paula. Conceição Evaristo. *The Intercept* (Brasil) [on-line]. Rio de Janeiro, 30/08/2018. Disponível em: <<https://theintercept.com/2018/08/30/conceicao-evaristo-escritora-negra-eleicao-abl/>>. Acesso em: 12 mar. 2019.

20 “[...] esse daí (pelo menos), de joelhos é que não nasceu”.

- CAMPOS, Paulo Mendes. Eis os imortais. *Blog do IMS*. Instituto Moreira Salles. 12/04/2013. Disponível em: <<https://blogdoims.com.br/eis-os-imortais-por-paulo-mendes-campos/>>. Acesso em: 12 mar. 2019.
- CESAR, Camila Moreira; MARINHO, Marcelo. A mídia e a construção de personagens de autoficção biográfica: uma leitura semântico-lexical de três notícias sobre a morte enigmática de João Guimarães Rosa. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 52, n. 2, jun. 2017, pp. 115-128. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/lh/v52n2/0101-3335-letras-52-02-0115.pdf>>. Acesso em: 12 mar. 2019.
- COSTA, Ana Luiza Martins. Veredas de Viator. *Cadernos de Literatura Brasileira*. Instituto Moreira Salles, v. 12, n. 20-21, 2006, pp. 10-58.
- FIGUEIREDO, Guilherme. *As excelências ou como entrar para a Academia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964.
- FLUSSER, Vilém. Guimarães Rosa. Datiloscrito com anotações manuais. Novembro de 1967. In: BRAGA, Mariana Fontenele. *Poesia talhada em madeira: João Guimarães Rosa e Arlindo Daibert*. Dissertação de Mestrado (Comunicação). Fortaleza, Universidade Federal do Ceará, 2014, pp. 91-92. Disponível em: <<http://www.flusserbrasil.com/art24.html>>. Acesso em: 12 mar. 2019.
- FOUCAULT, Michel. *Les mots et les choses*. Paris, Gallimard, 1966.
- GALVÃO, Walnice Nogueira. Metáforas náuticas. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, São Paulo, v. 41, 1996, pp. 123-134. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/rieb/article/view/73095/77143>>. Acesso em: 12 mar. 2019.
- GAMA, Mônica. Caminhos da consagração: Guimarães Rosa e o julgamento crítico. *O eixo e a roda*, Belo Horizonte, v. 27, n. 3, 2018, pp. 151-174. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/o_eixo_ea_roda/article/view/13529/1125611960>. Acesso em: 12 mar. 2019.
- GIRON, Luís Antônio. Stendhal delícia com biografias prematuras. *Folha de São Paulo [on-line]*, São Paulo, 13/09/1995. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1995/9/13/ilustrada/15.html>>. Acesso em: 12 mar. 2019.
- HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Sales. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- LA SAINTE BIBLE. *Le Livre de Job*. Trad. H. Lesètre. Paris: P. Lethielleux, 1886.
- LEAL, Claudio. Poder, farpas e táxis dividem a Academia Brasileira de Letras. *Terra Magazine [on-line]*. 12/08/2011. Disponível em: <<http://terramagazine.terra.com.br/interna/0,,OI5293050-El6581,00-Poder+farpas+e+taxis+dividem+a+Academia+Brasileira+de+Letras.html>>. Acesso em: 12 mar. 2019.
- LEXILOGOS. Dicionário [on-line]. 2002-2019. Disponível em: <<http://www.lexilogos.com/>>. Acesso em: 12 mar. 2019.

- MARINHO, Marcelo. Grande sertão: veredas – *Lectures critiques et approche stylistique. Contribution à l'étude de la poésie de l'Enigma*. Villeneuve d'Ascq: Presses Universitaires du Septentrion, 2001a.
- MARINHO, Marcelo. *GRND SRT~: vertigens de um enigma*. Campo Grande: UCDB/Letra Livre, 2001b.
- MARINHO, Marcelo. *João Guimarães Rosa*. Paris: L'Harmattan, 2003.
- MARINHO, Marcelo. João Guimarães Rosa, “autobiografia irracional” e crítica literária: veredas da oratura. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 47, n. 2, abr.-jun. 2012, pp. 186-193. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/11315>>. Acesso em: 12 mar. 2019.
- MARINHO, Marcelo. Raconter sa mort, puis la vivre : « autobiographie irrationnelle » chez João Guimarães Rosa. *Études littéraires*, Montréal, v. 48, n. 3, pp. 117-132, 2019. Disponível em: <<https://doi.org/10.7202/1061863ar>>. Acesso em: 12 set. 2019.
- MARINHO, Marcelo; SILVA, David. Anastasia e pervivência em João Guimarães Rosa: *Vita brevis, Ars longa. O Eixo e a Roda*, Belo Horizonte, v. 28, n. 1, 2019, pp. 253-281. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/o_eixo_ea_roda/article/view/13411>. Acesso em: 12 mar. 2019.
- MARQUES, Oswaldino. Canto e plumagem das palavras. In: *A seta e o alvo: análise estrutural de textos e crítica literária*. Rio de Janeiro: MEC: INL, 1957, pp. 9-128.
- MEIRELES, Maurício. Entenda como funciona e o que faz a Academia Brasileira de Letras. *Folha de São Paulo [on-line]*, Ilustrada, 02/08/2016. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2016/08/1797694-entenda-como-funciona-a-academia-brasileira-de-letras.shtml>>. Acesso em: 12 mar. 2019.
- MONTELLO, Josué. *Diário completo*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1998.
- NOVIS, Vera. *Tutameia: engenho e arte*. São Paulo: Perspectiva, 1989. (Coleção Debates 223).
- ROCHA, Marília Librandi. *Maranhão – Manhattan. Ensaios de literatura brasileira*. Rio de Janeiro: 7letras, 2009.
- ROSA, João Guimarães. *Grande sertão: veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1970.
- ROSA, João Guimarães. Diálogo com Guimarães Rosa. [Entrevista a Günter Lorenz]. In: *Ficção completa*. Vol. 1. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994, pp. 27-61.
- ROSA, João Guimarães. *Tutameia (Terceiras estórias)*. 10. Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017.
- SANTA-CRUZ, Maria de. Guimarães Rosa: desenredos e projeções nas literaturas de língua portuguesa. *Scripta*, Belo Horizonte, v. 2, n. 3, 2º sem. 1998, pp. 242-250. Disponível

em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/10239/8340>>. Acesso em: 12 mar. 2019.

SANTOS, Adilson dos. A “despedidosa dose” de João Guimarães Rosa. *Investigações*, Recife, v. 21, n. 1, 2008, pp. 75-107. Disponível em: <<https://periodicos.ufpe.br/revistas/INV/article/viewFile/1377/1047>>. Acesso em: 12 mar. 2019.

SARAIVA, Arnaldo. A última entrevista de Guimarães Rosa (realizada em 24/11/1966). *Revista Bula [on-line]*, 19/11/2015. Disponível em: <<https://www.revistabula.com/383-a-ultima-entrevista-de-guimaraes-rosa/>>. Acesso em: 12 mar. 2019.

SILVA, Gustavo de Castro. Em busca de Guimarães Rosa: o processo de construção de uma biografia. *E-Compós*, ago. 2018. Disponível em: <<http://www.e-compos.org.br/e-compos/article/view/1587>>. Acesso em: 12 mar. 2019.

SILVA, Telma Borges. A imortalidade de um mortal ou o eu que sou na linguagem. *O Eixo e a Roda: Revista de Literatura Brasileira*, Belo Horizonte, v. 27, n. 3, dez. 2018, pp. 175-198. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/o_eixo_ea_roda/article/view/13533/1125611961>. Acesso em: 8 maio 2019.

STENDHAL. *Le rouge et le noir*. Paris: Garnier Flammarion, 1964.

STENDHAL. *Lucien Leuwen*. Paris: Gallimard, 2002.

VERLANGIERI, Iná Valéria Rodrigues. *J. Guimarães Rosa – Correspondência inédita com a tradutora norte-americana Harriet de Onís*. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Araraquara, 1993.

VICTOR, Fabio. Mais assíduos da Academia Brasileira de Letras recebem R\$ 9.000 por mês. *Folha de São Paulo [on-line]*, 16/03/2010. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2010/03/707481-mais-assiduos-da-academia-brasileira-de-letras-recebem-r-9000-por-mes.shtml>>. Acesso em: 12 mar. 2019.

Recebido: 13/06/2019

Aceito: 20/09/2019

Publicado: 29/11/2019